BF | BLOG DA FEIRA

André Pomponet
QUINTA-FEIRA, 26 DE MARÇO DE 2020 / PUBLICADO EM COLUNISTAS, HOME

A necropolítica e o discurso mentecapto

“Antigamente, os cristãos da Abissínia viam na peste um meio eficaz, de origem divina, para ganhar a eternidade. Ilesos, vestiam roupas contaminadas, queriam morrer da peste. Esse furor não é recomendável: antes indica lastimosa precipitação, vizinha do orgulho. Não devemos ser mais apressados que Deus, e tudo o que pretende acelerar a ordem imutável, para sempre estabelecida, conduz à heresia”.

O texto acima é de “A Peste”, do escritor franco-argelino Albert Camus. Trata-se do trecho

em que o padre Paneloux faz um sermão. Esta personagem, adiante, sucumbe à peste bubônica. O romance se passa em Oran, importante cidade portuária argelina. Aproveitei a pandemia de coronavírus para reler a obra e enxergar semelhanças com o momento que o Brasil atravessa.

O surreal pronunciamento de Jair Bolsonaro, o "mito", terça-feira (24) à noite, conduziu a memória ao trecho. É que, nele, tudo recende a morte, a mesma disposição necrófila que o contestado mandatário exibe desde a campanha eleitoral. Retomar, neste momento, a "rotina normal" – ou vestir roupas contaminadas – é um impulso de morte, não de vida.

A morte – ou a necropolítica, conforme uma feliz definição – é o que move o governo do "mito" desde o começo. A liberação do porte de armas, a licença para as polícias matarem, a cruel redução de recursos em áreas cruciais como saúde e a assistência social, o descaso pelo meio-ambiente, tudo evidencia o impulso para a morte – o triunfo do *Tanatos* – no novo regime.

Felizmente as reações mostraram que pouca gente comprou o discurso insensato do “mito”. E as pessoas se mantêm em casa, prudentemente. Nem mesmo os acólitos dessa seita profana aventuraram-se pelas ruas, atendendo à delirante convocação. Neste momento, prevalece o instinto de autopreservação.

Aqui na Feira de Santana ontem houve mais um dia de isolamento. Aqui ou ali, alguém comentava, espantado, o discurso inacreditável da noite anterior. Não foi incomum ouvir impropérios contra o “mito”: beneficiado por uma robusta estrutura de saúde, tem pouco o que temer em relação ao seu bem-estar.

– Já a população… – Comentou um frentista no início tranquilo da tarde.

Outros questionam a sanidade do “mito”. Aliás, isso está se tornando muito comum, sobretudo na imprensa. Não é preciso muito esforço para ficar desconfiado: basta acompanhar um pronunciamento qualquer, uma dessas entrevistas arranjadas por apresentadores babosos, mesmo dois dedos de prosa no “cercadinho” do Palácio do Planalto.

Uma coisa puxa a outra: não me sai da cabeça, também, o título de um romance do escritor mineiro Fernando Sabino, lançado em 1979: “O grande mentecapto”. O tempo passou, mas temos outro Viramundo aí na praça, pelo visto…

Sobre Últimos Posts

Últimos posts por André Pomponet (exibir todos)

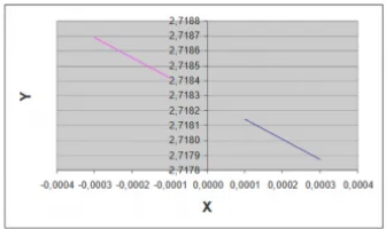
A função essencial dos motoboys na pandemia - 17/04/2020
Festejos juninos em tempos de pandemia - 16/04/2020
Executivo feirense reduz salários, mas Legislativo se omite - 15/04/2020

Compartilhar:

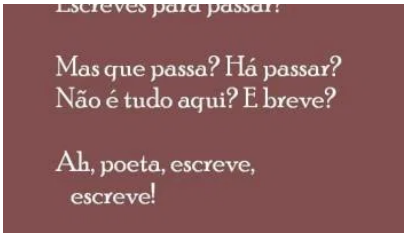
WhatsApp Facebook Twitter Telegram LinkedIn

Relacionado

Papa deu um “vale night”
30/03/2020



Em matemática, nem tudo que está escrito é exatamente assim, por Carlos Pereira Novaes
08/11/2019



Poesia de Antônio Brasileiro
20/03/2020

BF | BLOGDA.feira.br

© 2020 Janio Costa Rego Comunicações - Todos os direitos reservados